

A COBERTURA JORNALÍSTICA ACERCA DA VIOLÊNCIA DA POLÍCIA NOS PROTESTOS NO BRASIL ENTRE 2013 E 2016

Ana Gabriela de Siqueira Domingues (IC) e Denise Cristine Paiero (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A presente pesquisa analisa a maneira como foi abordada a violência da polícia nos protestos ocorridos no Brasil entre 2013 e 2016 nos veículos Carta Capital, Folha de S. Paulo e a Veja, verificando como essa ação foi exposta em seu conteúdo jornalístico.

Palavras-chave: Jornalismo. Protestos. Violência policial

ABSTRACT

The following research examine the way that police violence in the protests in Brazil between 2013 and 2016 is approached by the channels Carta Capital, Folha de São Paulo and Veja. Verifying how this ction was exposed in its journalistic contente.

Keywords: Journalism. Protests. Police Violence

1. INTRODUÇÃO

Em 2013 um levante de brasileiros saiu às ruas a fim de reivindicar o aumento da passagem de ônibus. Esse movimento, que posteriormente acresceu outras críticas à demanda do protesto e ganhou grande destaque na mídia, ficou conhecido como “jornadas de junho”, que contou com 1,25 milhão de pessoas, somando os diversos movimentos pelo país no dia 20/6/13.

Já em 2015 novos protestos tomaram as avenidas brasileiras, dessa vez para pedir o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Em resposta a esse movimento surgiram manifestações de ideologia contrária, no qual o intuito era defender a permanência de Dilma no poder.

Um aspecto que relaciona esses protestos que ocorreram no Brasil entre 2013 e 2016 é a violência policial.

Caracterizada por inúmeros casos de abuso de poder, a polícia brasileira foi a que mais matou em 2015 (EXAME, 2015). Já quando tratamos da temática protestos, historicamente a instituição sempre foi citada em casos de violência, como aponta (GOHN, 2014).

Desde o início das “jornadas de junho” foi perceptível o exagero na ação repressora da polícia, como relataram os manifestantes. Ainda assim, a mídia inicialmente se pautou nos prejuízos trazidos pelos participantes. Posteriormente, quando a polícia agrediu repórteres e fotógrafos e as fotos das agressões foram disseminadas pelas redes sociais, a mídia mudou seu posicionamento.

No movimento pró-impeachment a situação se deu de maneira diferente. Apenas casos isolados de violência foram registrados pela mídia. “As manifestações foram pacíficas, com poucos incidentes isolados em algumas cidades. Grande parte dos manifestantes vestia verde e amarelo e levava cartazes contra a corrupção, o governo federal e o PT”. (G1, 2015).

Criando um contraste com as manifestações pró-impeachment o movimento que apoiava Dilma teve grande repressão e foi marcado pela mídia por inúmeros casos de violência e vandalismo.

Dispondo desse histórico como parâmetro a presente pesquisa analisou a maneira como se deu a cobertura da violência policial nas manifestações entre 2013 e 2016 pelos veículos Carta Capitais, Folha de S. Paulo e Veja. Tendo como objeto de estudo as matérias que foram publicadas nesse período. Buscou-se evidenciar o parâmetro de cada veículo ao realizar sua cobertura, apontando seu embasamento e principalmente a quem buscou dar voz em suas matérias. De tal forma a identificar qual a postura assumida pela mídia ao realizar a cobertura dos protestos, como ele foi retratado, o que foi exposto com ênfase e o que foi deixado em segundo plano. Traçando uma análise comparativa entre veículos.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Historicamente os protestos brasileiros foram motivados pela busca de direitos dos cidadãos, que enxergam nesses movimentos uma maneira de dar visibilidade e representatividade a sua luta. O Brasil carrega um histórico massivo de protestos populares, como em 1964, com a “Marcha com Deus pela liberdade”, o movimento das “Diretas já” em 1984, “Fora Collor” em 1992, “jornadas de junho” em 2013 e recentemente os movimentos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma. Dentro desses grandes movimentos há também outros que foram desdobramentos, como o “não vai ter copa”, decorrente dos protestos de 2013. Segundo (GOHN, 2003, p.13) “Ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas”.

Pesquisadores mobilizados pelo tema concordam que tais movimentos – urbanos por excelência e cada vez mais expressivos em termos numéricos – são realmente novos quando comparados aos movimentos sociais típicos da primeira metade do século XX. Caracterizados pela ausência de base social demarcada, por novos espaços de conflito e, ainda, por demandas metapolíticas, identidades plurais e um novo ativismo, essas mobilizações ocorrem fora da esfera institucional e buscam sensibilizar e persuadir a sociedade para sua transformação radical com base no diálogo da diversidade. (OLIVEIRA; MARINHO, 2012, p.130)

O movimento “jornadas de junho”, que em 2013 levou a população brasileira às ruas, estava inicialmente ligado a um levante de estudantes, os quais tinha como intuito a diminuição da passagem do transporte público, mas posteriormente, com o aumento de sua proporção, adquiriu um caráter crítico geral, reivindicando melhorias em setores públicos, objeções quanto a realização da copa do mundo de 2014 e a atuação corrupta no cenário político.

Desde a sua eclosão, inúmeras análises sobre as manifestações de 2013 – que se estenderam, com adesão bem menor, até a Copa de 2014 – foram feitas e publicadas, procurando explicar como um movimento que se iniciou a partir de protestos jovens de dimensões modestas contra o aumento das passagens e a péssima qualidade dos transportes públicos transformaram-se na surpreendente onda que sacudiu o país e que, em seu auge, tornou-se a expressão de

inúmeras demandas, muitas vezes contrárias entre si, de segmentos sociais e grupos políticos bastante distintos. (FREIXO, 2016, p.9)

Em 2015, as manifestações ganharam um cunho político diferente das anteriores. Dessa vez o levante brasileiro, vestido de verde e amarelo, saiu às ruas para pedir o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Segundo o instituto Datafolha, o público da primeira manifestação de 210 mil pessoas, em 15 de março de 2015, foi o maior desde as “Diretas Já”, em 1984, com cerca de 400 mil. Segundo (GUTEMBERG; LEAL, 2015, p. 104) “[...] uma, a do último quinze de Março, chamou atenção por seu caráter nacional: todas as capitais do país e mais o Distrito Federal tiveram protestos que, sobre a égide de uma luta contra a corrupção, visava atacar a Presidente Dilma Rousseff (PT)”.

Em resposta a manifestação favorável ao impeachment e às críticas ao governo, surgiu o movimento contra o processo, que segundo a grande mídia contou com um número menor de pessoas, como afirma Gutemberg e Leal (2016, p. 3).

Outras reivindicações trazidas pelos manifestantes contra o impeachment foram a desmilitarização da polícia, a criminalização da violência por parte da instituição e o pedido de novas eleições para a presidência.

Um personagem que chamou atenção pelo comportamento excedente e violento nesse contexto de protestos entre 2013 e 2016 foi a polícia brasileira. Protagonista de diversas cenas de violência e brutalidade no cotidiano. “As forças policiais do Brasil são as que mais matam no mundo. É o que mostra um novo relatório da Anistia Internacional, divulgado nesta segunda-feira (7)”. (EXAME, 2015)

A polícia brasileira matou 3.345 pessoas em 2015, o que implica um aumento de 6% em relação a 2014 e 52% frente a 2013, sem que muitas dessas mortes sejam justificadas por um uso legítimo da força, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública utilizados pela HRW. (EXAME, 2017)

Em entrevista à revista Carta Capital, Adilson Paes de Souza, tenente-coronel reformado da PM-SP, aponta que as atuações da corporação nas manifestações ocorridas em São Paulo demonstram a existência de dois lados para a instituição. “Há dois tipos de polícia nas manifestações. Não há como negar que, quando o pleito dos manifestantes é contrário às posições das autoridades públicas do Estado, a atuação da polícia é bem diferente de quando o pleito dos manifestantes é a favor da postura das autoridades”. Ou seja, nos protestos em que o propósito dos manifestantes vai de encontro ao pensamento político do estado a polícia tende a ter um comportamento pacífico, já em situações opostas é comum casos de violência e de abuso de poder da instituição.

De maneira geral, a violência é um mecanismo de afirmação de poder. Isso não é diferente quando aplicado a instituições públicas, como a polícia. A atuação policial é sempre fundamentada na visão do estado, ou seja, numa situação de violência podemos justificar como a tentativa de afirmação do poder do estado. Como retrata (MESQUITA, 1999, p.129) “O controle da violência, particularmente da violência praticada pelas Forças Armadas e pela polícia, é uma das condições necessárias para a consolidação do estado de direito e de regimes políticos democráticos”.

Quando tratamos da temática protestos, historicamente já existe um contexto de violência policial associada a ataques a movimentos sociais.

Esclareça-se que a violência sempre esteve presente na história dos movimentos sociais no Brasil, quer na forma como muitos foram tratados pelas forças policiais, quer na forma de resistência pelos próprios movimentos, especialmente na área rural, onde as relações sociais historicamente têm sido pautadas por formas de violência. (GOHN, 2014, p.433)

O que remete ao contexto das manifestações de 2013, 2015 e 2016 (principalmente as “Jornadas de Junho” e o movimento contra o impeachment), que além do caráter político e algumas, poucas, semelhanças nas reivindicações, podem ser relacionadas ao cenário de violência policial aos manifestantes.

A conduta da Polícia Militar em manifestações em São Paulo é alvo de críticas de entidades de direitos humanos e da Defensoria Pública do Estado desde a repressão aos protestos de junho de 2013 que provocaram cenas de guerra campal e deixaram dezenas de feridos. (EI PAIS, 2017)

Em 2013, logo no início dos protestos em junho já se identificava uma ação repressiva excedente da polícia, como relatou diversos manifestante e posteriormente a grande mídia.

Em decorrência dessa conduta violenta, o estado de São Paulo foi condenado a pagar R\$8 milhões de indenização e também deverá formular um projeto de ação para a prática policial em protestos. (O GLOBO, 2016).

Já as manifestações pró- impeachment, ao sair às ruas, provocou uma reação diferente da polícia. Apenas casos isolados de violência ao manifestante foram registrados. E durante o protesto os agentes do estado foram lembrados como heróis e posaram para fotografias com os manifestantes.

Nos protestos contra o impeachment da presidente a atuação policial se deu de maneira oposta. Cenas de violência foram registradas na maioria dos dias em que houve movimento.

Policiais militares usaram bombas de gás lacrimogêneo contra manifestantes contrários ao impeachment da presidente afastada Dilma Rousseff (PT). [...] A Tropa de Choque foi acionada para acabar com a manifestação. Por volta de 20h, caminhões da PM entraram na avenida para jogar água na barricada feita pelos manifestantes. Bombas também foram jogadas (G1, 2016)

Após a confirmação do impeachment de Dilma, na cidade de São Paulo houve dois movimentos distintos e duas posições divergentes tomadas pela polícia.

O grupo contrário a Dilma Rousseff comemorou o impeachment com bolo e champanhe em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Este grupo fechou a Paulista no sentido Paraíso. O grupo a favor de Dilma e contra Michel Temer se reuniu em frente ao Masp e seguiu em direção à Rua da Consolação, onde a Polícia Militar jogou bombas em manifestantes. (G1, 2016)

Já em relação à cobertura jornalística dos protestos, inicialmente, em 2013, as matérias foram pautadas no vandalismo e nos prejuízos gerados pela manifestação, como o engarrafamento.

Em sua capa, no dia seguinte, um dos principais jornais paulistas trazia a manchete “Manifestantes causam medo, param marginal e picham ônibus”. Já na matéria, publicada no caderno “cotidiano”, o jornal dava ênfase aos “atos de vandalismo” e aos “transtornos” causados pela manifestação – como o grande engarrafamento de 226 km na cidade -, destacando depoimentos de “cidadãos comuns” sobre prejuízos que lhes foram causados pelos protestos (Folha de S. Paulo, 08/06/2013). (FREIXO, 2016, p.11)

Outro aspecto exposto pela grande mídia no início das manifestações foi uma certa ‘cobrança’ para que as forças policiais fossem menos tolerantes e mais duras.

No dia seguinte, os principais jornais do país publicavam matérias negativas aos manifestantes, criticando a manifestação e seus resultados e apoiando a ação da polícia. A capa do jornal Folha de S. Paulo de 12 de junho de 2013 trazia a manchete: “Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo”. (PAIERO, 2014, p.5)

O caráter da cobertura jornalística permaneceu condenando as ações dos participantes dos protestos até dia 13 de junho de 2013, quando manifestantes e jornalistas, presentes na manifestação, ficaram feridos.

[...] A repressão policial à manifestação de 13 de junho se dá de forma ainda mais violenta do que nos protestos anteriores, culminando com a detenção de cerca de 200 manifestantes e mais de dezenas de feridos, dentre eles jornalistas de diversos veículos de imprensa, inclusive da Folha e do Estadão. Nesse momento, começou a acontecer a grande virada nos protestos de 2013, quando as imagens da repressão policial *viralizaram* nas redes sociais, chegando a seguir às mídias convencionais. (FREIXO, 2016, p.13)

A cobertura das manifestações contra a saída de presidente se deu de maneira semelhante às de 2013, trazendo os prejuízos acarretados pelo protesto, mas também, dessa vez, abordou a violência policial. Ainda assim alguns veículos continuaram a dar mais visibilidade aos atos de vandalismo, principalmente nas fotos que estamparam as matérias desse período.

A Tropa de Choque foi acionada quando os manifestantes passaram a depredar tudo o que estava pela frente. Foram registrados danos nas regiões da Rua da Consolação e da Praça da República. Agências bancárias, uma cafeteria e outros estabelecimentos comerciais, além de pontos de ônibus foram destruídos. Os policiais responderam com bombas de gás lacrimogêneo. Um carro da Polícia Civil foi destruído. (Estadão – 31/08/2016)

Como é possível notar, a instituição, além de ter um comportamento extremamente violento, também alternou sua atuação nas ruas brasileiras conforme o intuito do protesto. Deixando clara a sua ligação com os interesses políticos. E não necessariamente com a segurança e bem-estar da população.

Com isso, faz-se necessário um olhar direto às publicações dos objetos de pesquisa. Afim de confirmar ou refutar a percepção colocada acima.

Como cada veículo retratou a violência nas manifestações

Folha de S. Paulo

7 de junho de 2013

capa da edição de 7 de junho de 2013



Folha de S. Paulo

A publicação estampou na capa uma foto da queima de catracas com a manchete “Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP”. Logo nesse espaço é possível perceber o predomínio da ideia de violência e caos gerado pela ação dos manifestantes, assim como nos trechos “protagonizaram cenas de vandalismo”, “Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP” os quais aparecem ao longo das matérias. Observa-se que no decorrer da edição existe a tentativa de vincular a violência ao manifestante, trazendo às ações agressivas e exageradas da polícia uma “justificativa”, a segurança da cidade. “A PM utilizou alas de borracha e gás para conter depredação”. Uma das fotos que estampou a edição mostrava policiais munidos de seus escudos atrás de uma grande chama e muito lixo, fazendo referência ao caos gerado pela manifestação versus polícias protegendo o espaço, a cidade. Apenas no final da matéria há a explicação da reivindicação dos manifestantes. Ou seja, primeiro é criada a ideia de vândalos e indivíduos violentos e somente depois há a explicação do porquê do protesto, dificultando a empatia do leitor pelos manifestantes. A segunda matéria sobre a manifestação, contida no c4, deixa ainda mais nítido o posicionamento do veículo acerca da violência praticada pela polícia, já que em todo o texto é exposto o pânico e caos causado pela manifestação “Em pânico, clientes e funcionários ficaram presos no shopping”, mais uma vez, colocando a ação policial apenas como um gesto de defesa da população e se abstendo da crítica acerca do excesso de violência pela instituição. As fotos, apesar de mostrarem o confronto, evidenciam os atos de depredação do patrimônio público.

14 de junho de 2013

Capa da edição de 14 de junho de 2013



Folha de S. Paulo

Nessa cobertura, diferente da realizada no dia 7 de junho de 2013, houve grande exposição da violência policial. A capa foi estampada pela foto de um policial agredindo um casal, e a manchete reafirmava a violência “Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos”. Essa mudança pode ser explicada, entre outros fatores, pela agressão dos policiais aos jornalistas e principalmente aos funcionários da própria Folha de S. Paulo, como retratam os títulos “Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos”, “Bombas e balas de borracha deixam centro em pânico”, “Jornalistas são feridos por disparos de policiais militares”, Haddad diz que violência da PM marcou ato”. Mais uma vez diferente da primeira cobertura, o jornal trouxe depoimentos favoráveis aos manifestantes, o quais criminalizavam a ação dos policiais, como o depoimento do fotógrafo freelancer Victor Dragonetti que usou suas fotos como defesa contra a ação violenta ou também de Fábio Braga, repórter-fotógrafo atingido por dois disparos de balas de borracha.

21 de junho de 2013

Capa da edição de 21 de junho de 2013



Folha de S. Paulo

A cobertura do protesto realizado no dia 20 se deu de maneira semelhante à do dia 7 de junho de 2013. Pautada no vandalismo dos manifestantes e também no grande caos gerado pelo confronto entre participantes e a força policial, a matéria amenizou as ações violentas dos policiais e expôs com ênfase o caos provocado pelos manifestantes. Os “ataques” a Brasília e as tentativas de invasão às sedes do executivo e judiciário foram destaque, ilustrados por fotos de manifestantes mascarados e agressivos. Em São Paulo o destaque foi para o confronto entre os manifestantes provocado por participantes petistas, conforme as fontes do veículo. Segundo o jornal, não houve participação ativa da polícia, os agentes ficaram apenas “observando” a confusão. Em Ribeirão Preto, um manifestante foi morto por um carro que tentou furar o bloqueio do protesto. A manchete e o próprio texto referente a morte deixaram implícito que a culpa da morte foi o próprio protesto “Ribeirão Preto tem a 1ª morte dos protestos”.

16 de março de 2015

Capa da edição de 16 de março de 2015



Folha de S. Paulo

A publicação que trouxe em detalhes a cobertura do maior ato já realizados na cidade São Paulo após as *Diretas Já*, dedicou mais de 9 páginas para expor o “sucesso” do “fora, Dilma”. Com a possível finalidade de dar destaque positivo ao protesto, o número de indivíduos foi substituído ao longo da matéria por termos como “multidões”. O ambiente de “atmosfera pacífica”, como foi descrito pelo jornal, teve como símbolo heroico a figura do policial militar, que até pousou para selfies. A matéria contou ainda com entrevistados heterogêneos, na busca de mostrar que o “fora, Dilma” atingiu todas as mais diversas camadas da sociedade, como de gênero, orientações sexuais, raça e classe social. “Do Grajaú ao Morumbi, dos Jardins a Ermelino Matarazzo, crianças, casais de avós transformam o protesto paulistano em ato heterogêneo”, “Cabelos grisalhos, espetados com gel, crianças nos ombros, casais (héteros e gays), grupos de amigos e solitários” (Trechos retirados da matéria *Caras da Avenida*). A edição contou ainda com grande volume de gráficos comparando as manifestações pró e contra Dilma, tornando a empatia pelo “Fora, Dilma” inevitável ao público “desinformado”, já que os números erram extremamente discrepantes e polarizados.

30 de agosto de 2016

Capa da edição de 30 de agosto de 2016



Folha de S. Paulo

A publicação extremamente enxuta trouxe um relato superficial sobre a manifestação contra o impeachment da ex presidente Dilma. Com cerca de uma página contendo caráter noticioso (excluindo editoriais e opiniões), a Folha apresentou uma matéria pequena e que transmitiu apenas o caos gerado pelo protesto, colocando novamente a polícia militar e sua brutalidade como resposta à violência dos manifestantes e como forma de assegurar o bem-estar da população. Ao contrário do que foi feito na cobertura do protesto pró impeachment (realizado em 16 de março de 2015), a edição não contou com depoimentos de figuras públicas ou cidadão paulistanos que apoiavam o protesto. Pelo contrário, as poucas entrevistas transmitiam o ambiente caótico para o leitor.

1 de setembro de 2016

Capa da edição de 1 de setembro de 2016



Folha de S. Paulo

A edição que veiculou o impeachment da ex presidente Dilma Rousseff contou com uma segmentação na cobertura das manifestações, as quais se sucederam simultaneamente. De um lado paz e de outra barbaria. Os protestos que comemoravam a saída de Dilma do poder foram marcados pelo ambiente alegre e otimista dos manifestantes, com direito a champanhe e fogos. Os policiais nem chegam a ser mencionados na cobertura. Por outro lado, nas manifestações contra a decisão Senado, foram os *Black blocs* que ganharam destaque. Sendo associados aos manifestantes pelo veículo, a cobertura trouxe casos de vandalismo e depredação, principalmente relacionados ao ataque à sede da Folha. Ou seja, de um lado da cobertura, contra a ex presidente, o cenário era harmônico e promissor. Já no lado a favor da permanência de Dilma o cenário era caótico.

Carta Capital

Edição nº754 – 26 de junho de 2013



Carta Capital mobile

A edição trouxe uma cobertura focada nos manifestantes, abordando principalmente depoimentos dos integrantes do MPL (movimento passe livre), afim de esclarecer o leitor acerca dos ideais e do objetivo dos protestos. Quando abordada a questão da violência policial, diferentes dos outros veículos, a Carta Capital aponta para uma questão institucional e política, referindo a violência policial como meio de “abafar” as críticas ao sistema político e não como instrumento de segurança. A Carta Capital também expõe a maneira como a manifestação foi retratada por outros veículos de comunicação, os quais, segundo a revista, mudaram seu posicionamento mediante a adesão do público de classe média ao protesto e também devido à agressão aos repórteres e

fotógrafos: “Ao atrair jovens de classe média escandalizados com a repressão policial, também os jornais e emissoras de tevê passaram a demonstrar simpatia pelos rebelados. Se antes os manifestantes eram tratados indistintamente como “vândalos” e os editoriais clamavam pela repressão da PM, a mídia passou a tratar os casos de depredação de forma mais isenta: fatos isolados, causados por pequenos grupos. ” A cobertura também retrata alguns raciais violentos, mas deixando claro a segmentação entre eles e a ideologia do protesto. Em relação às fotográficas usadas na matéria, o foco está na massa, no imenso aglomerado que participou dos protestos, ainda assim, não deixando de mostrar imagens de violência.

Veja

Edição nº2327 – 26 de junho de 2013



Veja

A edição traz um recorte bem diferente quando comparado ao da Carta Capital. Culpando o partido dos trabalhadores (PT) e colocando-o como principal responsável pelas manifestações, a Veja se mostrou ao lado do povo, trouxe inúmeros depoimentos de manifestantes (a maioria de perfil elitizado, como advogados e médicos) e criticou militantes de esquerda, colocando as “jornadas de junho” e sua atual proporção como responsabilidade de manifestantes de direita. “Os esquerdistas tiveram de ouvir um dos mais elegantes xingamentos da história mundial das manifestações: ‘Oportunistas, oportunistas’.”

Quando o assunto é violência a polícia não foi nem sequer citada. A responsabilidade pelo caos foi colocada, principalmente, na figura dos “anarquistas”: “Entre os vândalos que macularam os protestos há desde militantes de esquerda até *pitboys* sem causa, mas são os anarquistas que incitam o quebra-quebra. ” A violência praticada pela instituição foi

“suavizada” a ponto de não aparecer na cobertura. Inclusive nas imagens, nas quais apenas manifestantes aparecem protagonizando cenas de violência, principalmente depredação.

Análise geral

Como foi possível observar, os três veículos assumiram posicionamentos perceptivelmente distintos em suas publicações referentes à violência da polícia nos protestos. Enquanto a Folha de S. Paulo partiu de uma linha “conservadora”, culpando o manifestante pelo caos e desordem, e optando por atenuar a ação policial, modificando essa visão somente quando jornalistas do próprio veículo foram atingidos pelo policiais. A revista Carta Capital deixou explícita a violência excessiva da instituição e a condenou. Optando por vincular a ação agressiva ao fato da ideologia das manifestações ir contra os interesses da ordem política. Já a revista Veja não abordou a violência policial em sua cobertura, preferindo assim culpar o manifestante de esquerda e grupos radicais pelos confrontos e a desordem. Esse cenário evidencia ainda mais a parcialidade do veículo ao cobrir um evento. Já que se trata da mesma situação vista por três recortes completamente distintos.

Outro ponto a ser ressaltado é a parcialidade da ação policial nas manifestações. Ou seja, é possível concluir que há variação no comportamento da instituição conforme a intenção do protesto. Citando dois exemplos, as manifestações “fora Dilma” e o protesto a favor da ex presidente, os quais contaram com atitudes completamente distintas, em relação a ação policial. Isto é, se o objetivo vai de encontro ao interesse da classe política tem-se um cenário. Entretanto, se os interesses conflitam o ambiente torna-se instável e por vezes violento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de analisar a forma como se deu a cobertura jornalística da violência da polícia nas manifestações no período entre 2013 e 2016, identificando a postura assumida pela mídia ao realizar a cobertura do evento foi cumprido. Os três veículos propostos foram estudados (Carta Capital, Folha de S. Paulo e Veja), observado como o tema foi retratado, o que foi colocado em evidência e o que não foi abordado – Carta Capital mostrando o viés do manifestante e expondo a agressividade policial. Folha de S. Paulo divergindo, colocando assim o manifestante como protagonista e a figura do policial como certificação do bem-estar e segurança. Já a Veja optando por não retratar, trazendo apenas os perfis de manifestante violentos, do caos e da desordem provocada “pelos protestos”.

Com a seguinte análise torna-se possível corroborar ainda mais com as ideias do autor Adriano Freixo, principalmente ao que se refere a cobertura feita pelo veículo Folha de S. Paulo. Adriano expôs em sua obra conjunta (Manifestações no Brasil: as ruas em disputa) que o jornal deu visibilidade e destaque as “ações violentas” e aos “atos de vandalismo” e optou por amenizar a agressividade policial, deixando esse posicionamento de lado apenas no momento que em

jornalistas foram agredidos e as fotos “inundaram” as redes sociais. O que pôde ser confirmado na análise da cobertura realizada pelo jornal.

Quanto a atuação policial nos protestos, houve a confirmação da dualidade na atuação da instituição, através da observação de suas ações em datas chave, reafirmando o depoimento de Adilson Paes de Souza, tenente-coronel reformado da PM-SP, o qual expôs “Há dois tipos de polícia nas manifestações. Não há como negar que, quando o pleito dos manifestantes é contrário às posições das autoridades públicas do Estado, a atuação da polícia é bem diferente de quando o pleito dos manifestantes é a favor da postura das autoridades”.

Já em relação ao número de matérias analisadas, para duas revistas o objetivo foi encontrar edições que abordassem o mesmo período, no caso as manifestações de junho de 2013 (jornadas de junho). O intuito foi estudar o mesmo evento sob a perspectiva de três recortes distintos. Sendo que os veículos foram selecionados em função da divergência na orientação política, a Carta Capital assume a linha editorial de esquerda política e apresenta um caráter crítico massivo, a Folha de S. Paulo não assume uma linha político-ideológica, já a Veja adota o posicionamento da direita conservadora. Traçando-se assim um paralelo entre jornalismo e política. Além do amplo consumo e acesso deles pela população. Ainda assim, deve-se ressaltar que a Folha de S. Paulo foi analisada de maneira diferente, mas com o mesmo parâmetro, afim de levar em consideração seu caráter de jornal diário e não revista semanal como os dois outros.

4. REFERÊNCIAS

CARTA CAPITAL. **"Há dois tipos de polícia nas manifestações"**. 23/03/2016. Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/politica/ha-dois-tipos-de-policia-nas-manifestacoes> > Acessado em 09/10/2017

EL PAÍS. **Usar balas de borracha em protestos dependerá do “bom critério” da PM de São Paulo**. 17/02/2017. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/14/politica/1487088543_065474.html > Acessado em 09/10/2017.

ESTADÃO. **País tem protestos contra impeachment e comemoração de grupos anti-Dilma**. 31/08/2016. Disponível em < <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pais-tem-protestos-contr-impeachment-e-comemoracao-de-grupos-anti-dilma,10000073314> > Acessado em 23/11/2017

EXAME. **Human Rights denuncia aumento de abusos policiais no Brasil**. 12/01/2017. Disponível em < <http://exame.abril.com.br/brasil/human-rights-denuncia-aumento-de-abusos-policiais-no-brasil/> > Acessado em 09/10/2017.

EXAME. **Polícia brasileira é a que mais mata no mundo, diz relatório**. 08/09/2015. Disponível em < <http://exame.abril.com.br/brasil/policia-brasileira-e-a-que-mais-mata-no-mundo-diz-relatorio/> > Acessado em 09/10/2017.

FOLHA DE S. PAULO. **EUA monitoram ligações de milhões de americanos.** 07/06/2013. Disponível em < <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19518&anchor=5876307&origem=busca> > Acessado em 05/04/2018

FOLHA DE S. PAULO. **Polícia Reage com violência e protesto em e SP vive noite de caos.** 14/06/2013. Disponível em < <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19525&anchor=5877319&origem=busca> > Acessado em 05/04/2018

FOLHA DE S. PAULO. **Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião.** 21/06/2013. Disponível em < <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19532&anchor=5878279&origem=busca> > Acessado em 06/04/2018

FOLHA DE S. PAULO. **‘Fora Dilma’ reúne 210 mil e São Paulo e multidões no país.** 16/03/2015. Disponível em < <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20165&anchor=5984056&origem=busca> > Acessado em 06/04/2018

FOLHA DE S. PAULO. **Dilma nega no Senado crime contra o Orçamento e volta a denunciar ‘golpe’.** 30/08/2016 Disponível em < <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20698&anchor=6032888&origem=busca> > Acessado em 06/04/2018

FOLHA DE S. PAULO. **Senado destitui Dilma: Temer pede pacificação.** 01/09/2016. Disponível em < <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20165&anchor=5984056&origem=busca> > Acessado em 06/04/2018

FREIXO, A. **Manifestações no Brasil: ruas em disputa.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016

G1. **Atos contra e pró-Temer têm festa na Av. Paulista e bombas na Consolação.** 31/08/2016. < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/protesto-contrasaida-de-dilma-fecha-pistas-da-avenida-paulista.html> >. Acessado em 09/10/2017

G1. **PM usa bombas em protesto contra o impeachment na Avenida Paulista.** 29/08/2016. Disponível em < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/manifestantes-protestam-contrao-impeachment-na-avenida-paulista.html> >. Acessado em 09/10/2017

G1. **Manifestações contra Dilma ocorrem em todos os estados do Brasil.** 13/12/2015. Disponível em < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/manifestacoes-por-impeachment-de-dilma-sao-registradas-pelo-brasil.html> >. Acessado em 23/10/2017

GOHN, M. da G. **A SOCIEDADE BRASILEIRA EM MOVIMENTO: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais.** CADERNO CRH, Salvador, p. 431-441. 2014

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2003

GUTEMBERG, A.; LEAL, Z. S. **O jogo político na arena midiática: uma análise do enquadramento noticioso na cobertura das manifestações de Março de 2015.** Pernambuco: Temática, p. 103-115. 2015

MESQUITA, P. **Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

O GLOBO. **Justiça condena estado de SP por violência policial em manifestações de 2013**. 19/10/2016. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/brasil/justica-condena-estado-de-sp-por-violencia-policial-em-manifestacoes-de-2013-20319125>>. Acessado em 23/10/2017

OLIVEIRA, S. D. P.; MARINHO, M. G da S. M. da C. **DIRETAS JÁ, UM MOVIMENTO SOCIAL HÍBRIDO**. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, p.129-143. 2012

PAIERO, D. C. **Protestos no Brasil: da retomada das ruas em 2013 ao #naovaitercopa**. 2014

VEJA. **Os sete dias que mudaram o Brasil**. 26/07/2013. Disponível em < https://pt.slideshare.net/Jose_Luiz/revista-veja-edio-2327-os-7-dias-que-mudaram-o-brasilpdf >. Acessado em 20/04/2017

Contatos: anag.sd@hotmail.com e denise.paiero@mckenzie.br